

VARIEDADE

LEITE DE VASCONCELOS E A SUA OBRA

No Dr. Leite de Vasconcelos sempre viveu o português. Era português na curiosidade insistente de investigar os fundamentos e a formação da nacionalidade, no entusiasmo com que nesse campo servia a ideia patriótica, na extensão cultural, que os seus trabalhos representam, na insistência constante da confissão de portuguesismo.

E havia nele, acima de todos este factos de formação, o mais importante estímulo de portuguesismo, que era o conhecimento profundo da língua. A pureza da língua foi sempre o guarda-mor do espírito nacional. Quer queira, quer não, o filólogo é um purista, nas grandes como nas pequenas faltas que podem macular o cristal transparentíssimo da língua pátria.

Uma vez, no Museu Etnológico, aí por 1917, escrevi qualquer coisa de etnografia; se bem me lembro, era assunto de escultura em barro. Andava eu embuído nos estudos mediterrânicos de Angelo Mosso, e escapou-me a designação de *terra-cotta*, assim por inteiro passada ao meu texto português.

Porque razão o li ao Dr. Leite de Vasconcelos? Não me lembro. Quando muito confiado, e satisfeito por me não fazer observações, cheguei à expressão italiana, entoei-a triunfante, mas estarreci. Eu estava de pé junto d'ele sentado na banquinha de trabalho do seu gabinete.

— ...*terra-cotta*

— Ora adeus, — gritou-me, — qual *terra-cotta*, nem qual carapuça!

Olhei para êle. Olhou para mim. Êle, muito sério, torceu-se no banco. E lembro-me da fisionomia de arrepio. Corei. Calámo-nos. Após um momento, pousou-me no ombro a mão amiga. Se se transfigurara, voltou à serenidade.

— Desculpe-me, não foi por mal.

Agradei e continuei a leitura, sem outro incidente.

— Quem me dera escrever como o Sr., — disse-me por fim.

Guardei sempre comigo êste elogio, que muitas vezes e a muita gente repetiu, até deixar inserto no primeiro volume da *Etnografia Portuguesa*. Mas deixemos o assunto, não vá supor-se que o menciono por vaidade.

Outra vez, aí por 1936, em Campolide, na casa dêle, Rua de D. Carlos Mascarenhas, falava-se do destino da livraria e mais recheio da residência.

— Era interessante que tudo ficasse como está, — disse eu; — chamar-se-ia a «Casa Leite de Vasconcellos», como a «Casa Velasquez»...

— Não, — emendou, — então seria «Casa de ...» assim é que era correcto.

Um dia, explicou-me abertamente. Escrever não era para todos. Ou se escrevia como devia ser, ou era preferível não se escrever. Para se escrever bem, eram necessários dois predicados fundamentais: facilidade de expressão, e conhecimento perfeito da língua. Que êle invejava os que tinham facilidade de escrever; citava alguns nomes: Mendes Correia, Vergílio Correia, e outros. Custava-lhe muito a redigir, o que lhe demorava o trabalho. Além disso, impunha-se-lhe essencialmente a construção perfeitamente portuguesa da frase. Não faria prosa artística, mas estava convencido de que escrevia correctamente o português, era essa a maior aspiração, como devia ser a de todos os portugueses.

Êste culto da forma portuguesa aliava-se à curiosidade constante de estudar e desvendar os recantos da alma portuguesa. Exaltava quanto a favorecesse. Detestava quem a molestasse.

É conhecido o gesto de desafronta, que fez, com perigo pessoal de acusação de lesa-majestade, quando visitou nos Inválidos o túmulo de Napoleão, da primeira vez que foi a Paris. Via no imperador francês o inimigo de Portugal.

Não era um sábio indiferente às tristezas e às alegrias da Pátria. Pelo contrário, vibrava com ela. Não a punha sôbre a mesa anatômica para a escarpelar. Inspirava-se nela até como poeta. E auscultava-lhe a natureza, na voz íntima das tradições, nos monumentos das culturas e das sínteses das civilizações encadeadas no tempo, e, enfim, em tudo que a pudesse caracterizar com segurança.

Não esqueçamos que foi bem claro, a êste respeito, o que

escreveu na justificação e exposição do «Museu Ethnographico Português», criado, em 1893, em Lisboa.

...«E já que fallei em patria, accrescentarei tambem que «o exame summario, que acabo de fazer da nossa ethnographia, «é sufficientemente elucidativo no sentido de mostrar que o «nosso país possui bastantes elementos seus, com feição genuinamente portuguesa. *Numa epocha em que espiritos melancolicos ou faltos de fé julgão possivel a extinção da nossa nacionalidade, dá certo consôlo àquelles que amão o torrão natal, e «não verião sem córar de pejo ou morrer de dôr, sumido no «abysmo das nações perdidas o nome português, o saber que ha «ainda entre nós alguma coisa que não se confunde totalmente «com as coisas estranhas, e na qual se imprimiu indelevelmente «o cunho nacional».*

Sublinhei os passos mais expressivos: ...«àquelles que amão o torrão natal...» — ...«o nome português...» — ...«o cunho nacional».

Essa obra nacionalista, — o *Museu*, — encheu-lhe a vida inteira. Quanto escreveu antes da fundação dêle, preparou-a. Quanto fez depois, justificou a função de cultura superior, que o Museu representa.

Congressos científicos, onde representou Portugal, alargavam-lhe a actividade da intelligência, esclarecida nos problemas essenciais das ciências históricas. Dos países nórdicos à França, à Itália, à Grécia, ao Egipto, vinha sempre com um sentimento português mais alto.

Ao mesmo tempo, trazia das sete partidas do seu deambulatório novas aquisições para o Museu. De Paris, de Roma, de Atenas, do Cairo, trouxe material de representação arqueológica e etnográfica, para documento, lição, prova comparativa.

Com o sentimento específico dos Portugueses no mundo, que nunca supuseram seu ou lhes incutiu estímulos de orgulho e superioridade, o Dr. Leite de Vasconcelos recolhia à Pátria cheio de simpatia pelos povos estranhos, cada vez mais ansioso de os louvar no que eram dignos, e de os censurar onde o mereciam.

Nos últimos anos de vida teve dois desgostos, que o preocuparam muito: os bombardeamentos destruidores de Madrid, durante a Guerra Civil, e os de Helsínquia, na guerra fino-russa. Lembrava com fundo pesar os amigos e os monumentos, a grandiosidade majestosa das cidades.

Dois trabalhos, de entre tantos, me parecem, neste sentido, producentes: — dentro de Portugal, os volumes *De Terra em Terra*, colectânea de notas de viagens, com fartos materiais

de observação e impressões íntimas, que foi publicando nas páginas de *O Archeologo Português* e depois reuniu por ordem corográfica; — fora de Portugal, o volume *De Campolide a Melrose*, que mais se diria extensão daqueles, e, na verdade, representa a aplicação do mesmo critério e método, em viagem pela França a Inglaterra.

Um dia pediu-me um artigo para o Boletim da Academia; por seu gentil oferecimento, já eu tinha publicado no *Boletim Bibliográfico* da Academia das Ciências de Lisboa. Li-lhe o trabalho. Ouviu-o, sem fazer o menor reparo.

— Está bem, é certo, — disse-me serenamente, quando acabei a leitura, — mas peço-lhe uma coisa: não o publique.

— Porquê? — perguntei, admirado.

— Leia-o para si, e pense, — voltou-me, — pense no que lhe digo: o que diz, está bem dito; psicologicamente é assim; mas também é uma vergonha ser verdade.

De que se tratava? Não me lembro precisamente do título, que seria elucidativo. Salvo pormenor limitativo, era isto: — reflexos de Camões na tradição popular. Elementos antigos e modernos, aforismos, folclore lisbonense, compunham o material aproveitado e comentado. Compreendi, convenci-me, e, ali mesmo, no Museu Etnológico, dei-lhe tãda a razão, e rasguei os papéis. Penitenciei-me. Penitencio-me, ao recordar o pecado.

Que denota isto? O cuidado persistente de manter e ver íntegro o brio nacional. Camões devia ter na grei portuguesa o culto patriótico do cantor das glórias nacionais, prova de cultura cívica.

Se o Dr. Leite de Vasconcelos fôsse apenas o investigador dos factos etnográficos ou o seu comentador, teria ficado satisfeito com o meu arrazoado. Era porém mais do que isso, português no sentido completo do conceito. Envergonhava-o contribuir para a publicação de um estudo, cujas afirmações não honravam Portugal na sua cultura. No entanto o que se passa lá fora, em circunstâncias semelhantes, não é melhor na maioria dos casos, como se compreende. O facto não diminui, antes aumenta o valor das susceptibilidades.

Em redor do Museu Etnológico viveu, tendo-o como eixo de acção. Os colaboradores ia buscá-los a tãda a parte onde presen-
sentisse o mérito ou encontrasse uma certeza. Sôbre cada um dêles exercia orientação; exigia actividade e cooperação de tãda a ordem. Teve-os, e leais. Se não foi o último dos colaboradores da fase entusiástica da fundação e expansão do Museu, e da

coeva actividade editorial de *O Archeologo Português*, foi dos últimos.

Creio bem que foi o último, o que lhe dá o prestígio sugestivo do comandante do navio, o último da guarnição do seu comando, a quem cabe a honra de velar pela dignidade comum.

Quis fazer do Museu um instituto nacional, de que surgisse e onde se formasse o conhecimento mais perfeito da formação da nacionalidade. Quis que fôsse *O Archeologo Português* o seu porta-voz e arauto eficaz. Por isso, o Museu teve o título de «Museu Ethnographico Português», primeiramente, e «Museu Etnológico Português», depois. E a publicação do Museu, já mencionada por várias vezes, chamava-se «O Archeologo Português». Era insistente, para nós e para os de fora, quasi rítmico, êste etnónimo de portuguesismo.

As *Religiões da Lusitania* formam, com os seus três volumes, curioso conjunto de interêsse fundamental para os problemas da nossa etnologia. O campo da religião limitar-lhe-ia a extensão do estudo a uma especial actividade social e psíquica, — o fenómeno religioso e as suas consequências objectivas. Atender apenas à Lusitânia, cujo território não coube inteiro a Portugal, seria restringir a investigação, quanto mais reduzindo-a à Lusitânia Portuguesa.

Pois a inquirição de monumentos da zona geográfica e a comparação com similares de fora dela, deram como resultado salutar abranger a totalidade portuguesa.

Verificando nas manifestações do culto e das crenças religiosas o reflexo das actividades humanas, individuais e colectivas, reconheceu no fundo íntimo do homem e no âmago da sociedade o impulso, latente ou activo, do mistério religioso.

E as *Religiões da Lusitânia*, sem os intuitos totalistas, conforme se depreende, me parece, do subtítulo da obra, alargaram o âmbito de estudo às sociedades humanas, que se sucederam no chão português.

Assim, como são, constituem repositório opulento de conhecimentos seguros das épocas e das populações, que amalgamaram o substrato da nação portuguesa.

Não foi a primeira vez, que se levantou diante da inteligência do cientista o Adamastor das origens de Portugal, fantasma temeroso e ameaçador, que a todos tentava mas de que todos se aproximavam com receio de quem pisa um pântano e um passo em falso pode afundar. E não foi, porque em estudos menores, anteriormente publicados, é revelado o pensamento, que o preocupa.

Quando, porém, se apoderou d'ele e da actividade generosa de tantos anos de trabalho, foi no momento de olhar em plena perspectiva o problema sob um integral completo. A tentação de Cristo, no alto, à vista das riquezas do mundo, penetrou-o e venceu-o.

Lembre-mo-nos de que o primeiro volume das *Religiões* foi publicado nas comemorações do quarto centenário do Descobrimento da Índia (1898), em edição da Sociedade de Geografia de Lisboa. Os dois factos revelam, no instante histórico mais adequado, as intenções do alcance nacional do livro.

Muito deve ao Museu Etnológico a preparação, desdobramento e documentação dessa obra. Grandíssima parte dos monumentos, que serviram ao estudo dos materiais, está no Museu. E muito este deve à divulgação mundial, que as *Religiões* lhe facultaram.

Museu Etnológico — O Archeologo Português — Religiões da Lusitania: — formam progressão geométrica crescente, — a que breve se reuniu a *Etnografia Portuguesa*, dois volumes e um terceiro a sair dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa.

Dir-me-ão: pois sim, temos falado: mas, enquanto os primeiros livros são de arqueologia, os últimos são de etnografia!

Nada mais enganador do que as aparências. No *Museu*, a princípio chamado «Etnográfico», posteriormetne alargado nos intuitos e nos horizontes de investigação para o título de «Etnológico», há arqueologia, antropologia e etnografia. É ver a *História do Museu Etnológico*, e pode em síntese confrontar-se o meu artigo em *Ocidente*, número de Outubro d'este ano.

Em *O Archeologo Português*, 29 volumes, o XXX prestes a sair, e ainda dirigido pelo Dr. Leite de Vasconcelos, numerosos são os trabalhos de etnografia, uns d'ele, outros dos colaboradores; d'esses artigos e notas da sua autoria extractou o material com que formou os volumes denominados *De Terra em Terra*.

Ora a etnografia era o assunto de tais estudos, ora dava notas, comentários, interpretações, informação comparativa, que os trabalhos de arqueologia provocavam. Quem percorrer os capítulos de *De Terra em Terra*, quer no texto, quer nas abundantes e ricas anotações a cada um, confirmará a observação.

Das *Religiões da Lusitania* temos de dizer o mesmo. As tradições, que envolvem os monumentos e objectos pré-históricos (grutas, rochedos, antas, machados de pedra, etc.) e proto-históricos (principalmente os «castros»); as lendas ligadas a povoações, a incidentes orográficos (montes, falhas, morros, rios), a capelas cristãs, a vida de Santos; as crendices e supers-

tições, costumes e práticas, que representam sobrevivências ou paralelismos arcaicos; até os enfeites e atavios do traje e desenhados vulgares da vida; — tudo é comparado, estudado e interpretado, sobre os monumentos arqueológicos, testemunhas do pensamento humano através das eras da civilização.

Atingimos a *Etnografia Portuguesa*, finalmente. Culmina todas as informações de factos, existentes nas pessoas, nas coisas e na terra, com origem antiga ou provenientes da permanência e evolução de características profundas, essenciais, seculares. E abrange, desta forma viva e real, o panorama inteiro da vida da gente portuguesa, no presente.

Não reparemos de momento nos trabalhos de filologia, epigrafia, numismática, toponímia e antroponímia, história, porque todos se integram, como partículas de um gás ou de um líquido na massa fluidica total. É certo que os vamos encontrar na série dos volumes dos *Opusculos* quasi na totalidade, ali distribuídos por sectores da ciência a que pertencem: *Etnologia*, *Filologia*. Não é todavia menos certo que foram esses materiais que deram a cantaria da construção e os pormenores da guarnição e enchimento do edificio da *Etnografia Portuguesa*. Sem estes trabalhos, feitos grão a grão, pedra a pedra, não poderia o Dr. Leite de Vasconcelos realizar nunca a sua *Etnografia*, como a concebeu.

Aparentemente faltou-lhe o método conducente ao alto objectivo. Agora, porém, voltemo-nos para trás, olhemos nesta perspectiva a obra contínua do trabalhador, que não cansou nunca. Então concluiremos que era ele quem via o que queria.

De todo o labor procede a obra mater da *Etnografia*, que foi o seu enlêvo e meditação na vida inteira. Nela se revê, como num espelho, a nacionalidade. O cuidado, igual ao carinho, com que traçou o plano, dividiu as partes capitais, aglomerou os elementos de trabalho, e se lançou a realizar o pensamento criador, está patente nos volumes publicados, certificá-lo-ão ainda mais e definitivamente os volumes a sair e que os testamenteiros dirigem obedientes às determinações da vontade do amigo e mestre.

Ao «Museu Etnológico Português» deu o nosso Governo o título honroso de «*Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcellos*», o melhor monumento que poderia ter consagrado em nome da Nação ao homem que a serviu e dignificou.

LUÍS CHAVES

Conservador do Museu Etnológico de Lisboa